

## **NÚCLEO DE ESTUDOS POLÍTICOS (NEP)**

André Toreli SALATINO<sup>1</sup>, Vanderlei Cristiano JURASKI<sup>2</sup>, Tainara Aparecida Vieira PAULICHEN<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Orientador – Curso Técnico em Informática; <sup>2</sup> Colaborador – Curso Técnico em Informática <sup>3</sup>Bolsista PIBIC-EM/ CNPq - aluno do Curso Técnico em Informática;

**Resumo.** Este artigo tem por intuito refletir sobre as atividades desenvolvidas pelos professores e alunos do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense - *campus* Fraiburgo. Ao longo de 2019 procurou-se compreender as correntes interpretativas, as ideologias políticas e seus usos em contextos históricos específicos. Para que tal estudo fosse efetivo, várias obras foram lidas e discutidas pelo NEP, o qual sempre esteve comprometido com a cultura institucional de debates. Contado com o auxílio de tais materiais e conversas, foi possível compreender os diversos significados de “ideologia política”, concluindo-se, portanto, que o debate mediado pela leitura é pertinente para a formação do estudante.

### **1. Introdução**

O NEP é um grupo de estudos cujo objetivo é promover a troca de ideias em nível acadêmico, superando as concepções vulgares disseminadas pelos discursos de senso-comum. A proposta para este ano foi estabelecer um diálogo sobre diferentes ideologias políticas. Essa prática justifica-se pelas recentes utilizações, em diversos meios de comunicação de termos como ideologia. O objetivo consiste em criar uma base teórica para reflexão sobre os conceitos, compreendendo seus significados e seu emprego a partir da conjuntura sócio-histórica.

### **2. Material e Métodos**

O Núcleo de Estudos apresenta caráter interdisciplinar e seu formato consiste na realização de encontros mensais nos quais são discutidos textos teóricos, artigos, músicas e trechos de filmes, buscando comparar autores de diferentes concepções políticas e filosóficas e diferentes posicionamentos político-ideológicos, conforme indicação dos professores envolvidos no projeto.

### **3. Resultados e discussão**

A partir da leitura de Heywood (2010), a primeira dificuldade com a qual nos deparamos ao estudarmos as ideologias consiste na ausência de consenso em relação a este conceito. O estudo sobre os conceitos deve estar relacionado à análise do contexto histórico e sua produção ou ressignificação. Os termos não são valores imparciais, com sentido em si mesmos ou colocados acima dos interesses e necessidades dos seres humanos. Veyne (1976) afirmou que os “conceitos sublunares” não são eternos, estão em constante transformação. Adotá-los sem a

necessária crítica, pode conduzir ao anacronismo, quando se emprega conceitos impróprios para descrever fenômenos ou eventos em períodos distintos, ou à inadequação conceitual, quando utilizamos o mesmo conceito para explicar eventos ocorridos em locais distintos. Contudo, é importante ressaltar que algumas terminologias apresentam maior maleabilidade, podendo ser utilizadas em tempos distintos. Isto porque existem conceitos que têm uma marca histórica significativa, ou seja, eles decorrem de processos específicos e podem ser datados com precisão, como o feminismo<sup>1</sup>. Por outro lado, o conceito de crise pode ser reinterpretado para diferentes períodos, pois não possui uma carga histórica que limite seu uso.

A busca pelas origens do conceito parece, então, ser uma atividade hercúlea e desprovida de sentido, primeiro pelas releituras que todo o conceito está submetido no convívio social, afinal ele é empregado por pessoas que têm interesses particulares e coletivos. O segundo motivo concerne ao fato de que o conceito, além de ser uma unidade de conhecimento, é uma unidade de comunicação. Os indivíduos dialogam na vida cotidiana utilizando conceitos, muitos deles abordados pela historiografia, tais como cidade, revolução, ideologia. A partir da compreensão de que o uso desses conceitos no âmbito do senso comum se dá de forma pouco criteriosa, propomos a abordagem de um desses conceitos que carregam a marca histórica de seus períodos de utilização, não com o objetivo de encontrarmos a definição pura e primeira, mas para problematizar o lugar (teórico) a partir do qual os diversos discursos contemporâneos utilizam esses conceitos.

O surgimento histórico do termo ideologia é associado à Antoine Destutt de Tracy, que tinha como objetivo promover um estudo científico das ideias (HEYWOOD, 2010). Seus desdobramentos posteriores não reforçaram este sentido. Ao longo de diferentes contextos históricos, o termo foi ganhando diferentes significados. Uma primeira matriz de interpretação poderia ser obtida através da oposição entre **uma ideologia como representação ilusória e a realidade efetiva**. No pensamento de Karl Marx, o conceito aparece no título de sua obra “A ideologia alemã”, obra na qual foi apresentada a concepção de ideologia que associa as ideias dominantes de uma época às ideias das classes dominantes. Concepção ilusória e distorcida, para Marx a ideologia consistia em um fenômeno de caráter temporário que seria suprimido no processo revolucionário em conjunto com a

<sup>1</sup>O “feminismo”, por exemplo, resultou das reivindicações por direitos civis das mulheres nos séculos XIX e XX, algo inimaginável na Antiguidade.

superação da sociedade de classes (HEYWOOD, 2010). Posteriormente Friederich Engels, criou a expressão da “falsa consciência” para caracterizar a ideologia (VINCENT, 1995). É interessante pontuar que mesmo no interior da tradição marxista o conceito apresenta distintos significados, que negaram a compreensão do fundador. Lênin retira-lhe as conotações negativas e utilizou o termo de forma positiva, compreendendo-a como “ideias características de determinada classe social”, inclusive considerando o socialismo como uma “ideologia do proletariado” (VINCENT, 1995; HEYWOOD, 2010).

No período da Guerra Fria ganhou destaque uma contraposição entre uma **ciência política neutra e uma ideologia interessada**. Em especial a partir dos anos 1950, o desenvolvimento do conceito foi associado a ênfase que as vertentes liberais deram ao modo como as ideologias dos regimes caracterizados como totalitários suprimiram o debate e a crítica (HEYWOOD, 2010).

De acordo com esse uso, as ideologias são sistemas “fechados” de pensamento, que, ao reivindicar o monopólio da verdade, recusam-se a tolerar ideias opostas e crenças antagônicas. São assim, “religiões seculares”; possuem um caráter “totalizador” e servem como instrumentos de controle social, garantindo a submissão e a subordinação (HEYWOOD, 2010, p. 22-23).

O conjunto de posturas que surgiram nesse período foi caracterizado por Vincent (1995) como a escola do “fim da ideologia”. De certa forma, antes de realmente corresponder ao “fim da ideologia”, constituía-se numa ideologia que era expressão do contexto social que a produziu, e que falha ao não pensar os valores e temas liberais como parte delas próprias. A reivindicação de neutralidade não é nova e “a complexidade é intensificada ao percebermos que muitos liberais, conservadores, feministas, marxistas e outros alegariam estar do lado da ciência ou da filosofia na medida em que são contra a ideologia” (VINCENT, 1995, p. 25).

No contexto das ciências humanas, tal posição de neutralidade é impossível. Como apontou Löwy (2013), a partir da análise weberiana, os valores e pontos de vista constituem elementos determinantes da investigação científica, em termos tanto dos conceitos utilizados como das perguntas que se fazem ou não à realidade. Em paralelo, a partir dos anos 1960, Heywood (2010) aponta que o conceito passa a

ganhar uma aceitação ampla e é redefinido por autores com Marin Seliger<sup>2</sup> que constrói um conceito de ideologia, que supera as compreensões negativas e abrange todos os “ismos” do espectro das ideologias. Entretanto, não enfatiza sua utilização como arma da ação política como postulava Lênin, mas algo mais próximo a ideia de “sistema de valores”, “visão de mundo”, “doutrina” e “filosofia política”. De qualquer forma, como proposta de trabalho, partimos da noção da existência de diferentes ideologias políticas, para pensarmos o contexto histórico de surgimento desses discursos, e sua estrutura relacional que permite abordarmos seus principais temas, assim como seus “conceitos centrais, adjacentes e periféricos e suposições de como a sociedade funciona e deveria funcionar (HEYWOOD, 2010). Partindo do pressuposto de que todos nós pensamos politicamente, em conjunto com Heywood, compreendemos que

As ideias políticas não são apenas um reflexo passivo de interesses ou ambições pessoais; elas têm a capacidade de inspirar e guiar a própria ação política e, assim, moldar a vida material. Ao mesmo tempo, não surgem no vácuo nem caem do céu. Todas as ideias políticas são determinadas pelas circunstâncias sociais e históricas em que se desenvolveram e pelas ambições políticas a que servem. (HEYWOOD, 2010, p.16)

A despeito da filiação teórica de cada membro do grupo a uma determinada interpretação do conceito de ideologia e sua natureza, nossa proposta foi a de propiciar o debate de ideias e pontos de vista diferentes, colocando os pressupostos das diferentes perspectivas em discussão. Enfatizamos o fato de que, no âmbito das ciências sociais, palavras semelhantes se caracterizam como conceitos diversos dependendo da matriz teórica na qual está inserida. Se nossa preocupação central não consiste em chegarmos a um conceito puro de ideologia, é interessante, em termos de procedimento, ressaltar os modos de operação da ideologia, a maneira como ela sustenta relações de dominação. A ideologia opera através da *legitimação*, da *dissimulação*, da *unificação* em uma identidade coletiva; da *fragmentação* e *reificação* (THOMPSON, 1995). Seriam esses mecanismos que buscamos desvendar em nossas discussões e que, em nosso entendimento, possibilitam a real debate político sobre assuntos que determinam a vida coletiva.

20 autor conceitua uma ideologia como “sistema de pensamento voltado para a ação”. Elas não seriam em si mesmas “nem boas nem más, nem verdadeiras nem falsas, nem abertas nem fechadas, nem libertárias nem opressoras - elas podem ser todas essas coisas” (HEYWOOD, 2010, p. 24).

#### **4. Conclusão**

As práticas pedagógicas voltadas à formação do aluno necessitam estar atentas ao rigor no uso dos conceitos, especialmente, quando trata-se de conceitos que são frutos de disputas políticas. No caso das Ciências Humanas, este é um princípio fundamental, pois as disciplinas frequentemente utilizam termos do senso comum. As experiências de discussão do Núcleo de Estudos Políticos permitiu ver a complexidade que os conceitos possuem na vida cotidiana, além de criar uma cultura institucional de debate sobre as relações de dominação sustentadas no plano ideológico, independente da posição que ocupa no espectro político.

#### **Referências**

- BARROS, José D'Assunção. Parte IV: Os conceitos na História. In: \_\_\_\_\_. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 136-191.
- HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Ática, 2010.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de münchausen**. São Paulo, Cortez, 2013.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultural moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VEYNE, Paul. Os conceitos em História. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). **Teoria da História**. São Paulo, SP: Cultrix, 1976. p. 120-134.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.